

QUESTÕES RACIAIS E DE GÊNERO EM CLARA DOS ANJOS: UMA PROPOSTA PARA A SALA DE AULA

Ana Gabriella Ferreira da Silva Nóbrega (UERN)

INTRODUÇÃO

Clara dos Anjos, obra do escritor Lima Barreto, teve a sua primeira versão registrada em 1904, época em que o autor revela um projeto de escrever a história da escravidão negra no Brasil e suas consequências. Entretanto, nunca realizou efetivamente o seu desejo em vida, pois somente em 1922, ano de sua morte, a obra passa a ser reconhecida como um romance de denúncia ao preconceito racial, cuja condição do negro na sociedade carioca pós-abolicionista e as desigualdades sociais do país são postas em questão pelos críticos. A obra apresenta uma variedade de riqueza temática, tais como: o enfoque em teorias racistas, dentre as quais o branqueamento, a presença de relacionamentos etnicamente diferenciados e o constante aparecimento de personagens descendentes de escravos, que apresentam impossibilidade de ascensão social.

A presença de tantos personagens condicionados pelos sinais da escravidão em *Clara dos Anjos* representa o desejo do autor em escrever a história da escravidão no Brasil, por isso, sintetiza a voz dos excluídos, dos esquecidos e dos desqualificados

que herdaram as marcas da escravidão, sendo a cor da pele o principal estigma. Ele assume a voz dos marginalizados para denunciar as injustiças contra os que, assim como ele, sofriam por não terem recebido qualquer reparo após a abolição, período que não representou a liberdade ou o acesso à educação como se imaginava. Esse caráter enunciador é carregado de indignação, de ironia e de revolta. A voz assumida pelo autor de *Isaias Caminha* é de um eu negro que vê na literatura um meio para lutar por igualdade de direitos ao dirigir suas críticas às teorias racistas vigentes na época que pregavam a inferioridade do negro.

A literatura com quem Lima Barreto diz ter se casado é o meio de comunicação, segundo ele acredita, capaz de unir as pessoas e eliminar as diferenças.

Portanto, meus senhores, quanto mais esse poder de associação for mais perfeito; quanto mais compreendermos os outros que nos parecem, à primeira vista, mais diferentes, mais intensa será a ligação entre os homens, e mais nos amaremos mutuamente [...]. A arte, tendo o poder de transmitir sentimentos e ideias sob a forma de sentimentos, trabalha pela união da espécie; assim trabalhando, concorre, portanto, para o seu acréscimo de inteligência e de felicidade (BARRETO, 1956, p. 67).

Essa citação faz-nos enxergar um Lima Barreto idealista, que almejava um país igualitário, um mundo perfeito onde as pessoas se amassem, mesmo diante das diferenças, um ser sensível aos problemas humanos, solidário aos seus semelhantes. Acreditava ser a arte o espaço propício para a união e diminuição das diferenças, capaz de se apiedar do criminoso, da prostituta, do rico e do pobre, capaz de explicar a dor dos humildes e as angústias da alma, uma arte que fizesse compreender o Universo, a Terra, Deus e os mais misteriosos segredos que sondam o íntimo do ser humano. Reforça ainda que a literatura aviva o sentimento de solidariedade com os semelhantes, explicando os defeitos, realçando as qualidades e os fúteis motivos que separam uns dos outros. “Ela tende a obrigar a todos nós a nos tolerarmos e a nos compreendermos; e por aí, nós nos chegaremos a amar mais perfeitamente na superfície do planeta que rola pelos espaços sem fim” (BARRETO, 1956, p. 68).

1. A CONDIÇÃO DA MULHER NO SÉCULO XIX

Clara dos Anjos, a protagonista da história é uma jovem negra e pobre, cujos pais são descendentes de escravos e a educam com muito rigor. Engrácia, a sua mãe, não a deixa sair, a não ser com ela ou com a madrinha, Dona Margarida, pois, sabendo da condição que vivem as meninas negras de sua idade, teme que a sua filha sofra, como as demais.

Porém, a personagem, apesar de ser criada com total vigilância pelos pais, apaixona-se por um jovem branco, chamado Cassi Jones, sedutor de meninas “frágéis”, conhecido por desonrar moças e abandoná-las. É exatamente o que acontece com essa jovem. Após vários galanteios e cartas amorosas, Clara decide deixar a janela do seu quarto aberta, para que o seu namorado venha visitá-la e a partir daí a história de vida da jovem se desenreda. Ao engravidar, a moça procura por Cassi Jone, no entanto, ele já tem fugido da cidade, deixando-a sozinha com um filho para cuidar. É a partir desse contexto que analisaremos a condição das mulheres negras que se apresentam na obra, cuja identidade é relegada à subalternidade.

No quadro de apresentação dos personagens dentro da obra, encontra-se uma mãe, descendente de escravos, nascida em família de senhores de terra ricamente abastados. Essa é a história de Engrácia, mãe de Clara, que havia sido criada na casa de um nobre, cuja mãe adotiva (a sua havia morrido quando ela tinha 7 anos de idade), chamada de a “preta Babá”, cuidava dos serviços da casa.

Quando o chefe da família com quem ela vivia, faleceu, os filhos do senhor transportaram-se para a Corte, procurando se empregar nas repartições do governo. Para a cidade não levaram nenhum escravo, venderam a maioria e os de estimação libertaram. Só foram com eles os libertos considerados como da família. Quando Engrácia nasceu só tinha a velha Babá e um “preto”, como assim denomina o narrador. A mãe de Clara foi, portanto, criada com mimo de filha, como outros filhos de escravos nascidos na casa dos Teles, por essa razão corria de boca em boca que Engrácia era filha do varão da casa.

Diante desse contexto, a personagem formulava seus discursos de reclusão para com a filha, temendo que esta viesse a sofrer preconceitos, muitos dos quais ela teve que suportar durante a sua vida jovem.

Esse enclausuramento por parte dos pais da protagonista pode ser explicado por um acontecimento denominado pelos estudos da Análise do Discurso de “condições de produção” – isto quer dizer que um discurso ao ser enunciado está sempre ligado a outro e envolve transformações sociais, históricas e políticas de toda natureza que integra a vida humana. Dessa forma, para se compreender um discurso é necessário compreender o sentido que está por trás daquele dizer, ou seja, as circunstâncias ou condições sócio-históricas que influenciam na produção do enunciado.

Podemos perceber que o discurso de Engrácia é perpassado pelas condições históricas que vivenciou em que as mulheres negras eram relegadas aos serviços da casa e de seus senhores durante o dia, e à cama durante a noite, onde serviam de amantes para eles a fim de proporcionarem prazer aos seus protetores, como

mencionado a seguir por esta autora na descrição da situação da mulher branca e a mulher de cor diante de um relacionamento:

Se, para a mulher branca e de classe social mais elevada, as núpcias eram de suma importância, para as de cor e de classe social mais modesta eram indispensáveis, pois, existindo poucas oportunidades no mercado de trabalho, o enlace era-lhes proposto como o único meio de viver com respeitabilidade. Quando não se casavam, suas oportunidades encontravam-se reduzidas. As mais ricas poderiam viver na dependência econômica dos pais, de um irmão ou de algum parente do sexo masculino, como agregadas. As mais pobres, geralmente de cor, não tendo a quem recorrer e quase sem possibilidades de desenvolver uma atividade remunerada, não raro, eram obrigadas a exercer a mais velha das “profissões”, pois “seu único bem era seu próprio corpo”. Aquelas das classes carentes viviam menos protegidas e sujeitas à exploração sexual. Além do mais, **era comum na época o pensamento de que a negra tinha por destino a prostituição**. Não podemos nos esquecer de que o regime escravocrata havia terminado há apenas alguns anos e a ideologia ditava que a mulher branca era a esposa imaculada, e **a negra era a amante, a que proporcionava os prazeres do sexo** (VASCONCELLOS, 1999, p. 80 grifos nossos).

Esses acontecimentos fazem parte da memória discursiva de Engrácia, cuja atitude de reclusão para com a filha é embasada no conhecimento pré-construído sobre a mulher pobre e negra. Esse saber obrigou-a a enclausurar a filha dentro do espaço da casa, como se as paredes e a rotina dos afazeres domésticos, os quais era obrigada a realizar diariamente, protegessem-na dos perigos da vida, fato não comprovado, pois foi exatamente na sua própria casa que a jovem foi desonrada.

Dentro dessa “casa jaula”, denominação de Elódia Xavier (2012), a personagem vive o drama da solidão e da incomunicabilidade com as pessoas, vivendo uma pretensa busca de prazeres que a levam nada mais do que à degradação. Devido a esse confinamento, não apenas percebido em Clara, mas também pelas outras donzelas, é que essas mulheres sofrem de “invisibilidade”. Por serem pouco vistas no espaço público, confinadas em casa, são invisíveis, pouco vistas, ao passo que os homens, por serem produtivos, trabalhadores, andam livremente pelas ruas, desfrutando da liberdade que possuem. Eis a razão de Clara, apesar de protagonista, quase não ter voz e atitudes na narrativa.

Na história das mulheres do século XIX, segundo Perrot (2013), a menina é menos desejada que o menino, tanto que os sinos soavam por menos tempo para o batismo e o enterro de uma mulher do que para os homens. Possivelmente essa explicação justifique o fato de Clara, apesar de protagonista, ser consideravelmente silenciada e esquecida no plano da casa, sem notáveis ações.

No percurso histórico delas, são relatados que as meninas passavam mais tempo dentro de casa e eram mais vigiadas do que os seus irmãos e quando se

agitavam eram chamadas de endiabradas. Além disso, eram postas para trabalhar mais cedo nas famílias de origem humilde e requisitadas para todo tipo de tarefas domésticas. Por essa razão a escolarização delas eram mais atrasadas que a dos meninos, além da extrema vigilância imputada a elas.

No contexto do século XIX “a virgindade das moças é cantada, cobiçada, vigiada até a obsessão. A Igreja que a consagra como virtude suprema, celebra o modelo de Maria, virgem e mãe” (PERROT, 2013, p. 45). Por isso, preservar e proteger a virgindade da moça é uma obsessão, tanto da família quanto da sociedade, e a violação é um grande risco, pois aquelas que se deixam capturar pelos rapazes sedutores correm o risco de serem suspeitas de mulher fácil.

“Uma vez deflorada, principalmente se foram muitos, não a encontrará quem a queira como esposa. Desonrada está condenada a prostituição” (PERROT, 2013, p. 45), e ao preconceito da sociedade. Uma vez seduzidas entrariam na lista dos bandos de rapazes em busca de presas. A situação piorava ainda mais quando se sabia que as leis do século XIX diziam que somente estava suscetível de punição o estupro coletivo, no caso de estupro cometido por uma pessoa, era a mulher considerada complacente com o ato, pois poderia ter se defendido. Situação também apresentada pela personagem Mme. Bacamarte, que após ter sido abusada por Cassi Jones ficou exposta à promiscuidade e a sofrer pelos cantos da cidade todas as vergonhas possíveis.

Clara sempre teve curiosidade em saber por que a mãe prendia-a, mas somente quando se viu grávida e solteira lembrou-se da situação de Bacamarte e pensou no que seria dela a partir dali, pensou no desprezo que sofreria ao verem uma jovem negra solitária com um filho para cuidar:

Que havia de ser dela, agora, desonrada, vexada diante de todos, com aquela nódoa indelével na vida? Sentia-se só, isolada, única na vida. Seus pais não a olhariam mais como a olhavam; seus conhecidos, quando soubessem, escarneceriam dela; e não haveria devasso por aí que a não perseguisse, na persuasão de que quem faz um cesto, faz um cento. Exposta a tudo, desconsiderada por todos, a sua vontade era de fugir, esconder-se. Mas, para onde? Com a sua inexperiência, com a sua mocidade, com a sua pobreza, ela iria atirar-se à voracidade sexual de uma porção de Cassis ou piores que ele, para acabar como aquela pobre rapariga, a quem chamavam de Mme. Bacamarte, suja, bebendo parati e roída por toda a sorte de moléstias vergonhosas (BARRETO, 2011, p. 150).

Numa época em que o sexo feminino era visto como um defeito ou uma fraqueza da natureza, a virgindade da menina devia ser protegida o máximo possível, pois representava um valor supremo para elas, que sendo “filhas de Maria”, deveriam estar sujeitas à pureza. O pudor era o seu ornamento, o capital

mais precioso. Portanto, deveriam se defender da sedução dos bandos de rapazes em busca de presas. Entretanto, Clara, uma jovem pobre e negra, filha de pessoas de classe popular, tendo sido posta a trabalhar cedo, especificamente nos serviços domésticos, via-se agora constrangida, exposta no mínimo aos riscos da sedução, à promiscuidade, e no extremo, à prostituição.

A maternidade havia chegado para aquela rapariga e como um dos aspectos que completa a feminilidade e a identidade da mulher, a grande questão agora era: ter ou não ter a criança? Conceber ou não? O momento em que a mulher em geral descobre a gravidez é sempre um momento de escolha, de aceitação ou rejeição. A maternidade é sempre um momento desejado ou, em muitas ocasiões, temido. No caso da virgem Clara dos Anjos, a maternidade é de sobremaneira temida. Ocorre uma revolução, um fervilhar de dúvidas em seus pensamentos. Ela ficaria com um filho no ventre sendo alvo de vergonha e tortura de seus pais? Pensou imediatamente em abortar o bebê, por outro lado temia concluir este ato.

O que se sabe do desfecho da história é que após saber da gravidez de Clara, Dona Margarida correu para avisar a mãe da jovem e as três em seguida partiram em busca da casa de Cassi Jones, a fim de que o pai assumisse a criança e a pobre moça. A iniciativa não teve êxito:

Cassi partira, fugira... Agora, é que percebia bem quem era o tal Cassi. O que os outros diziam dele era a pura verdade. A inocência dela, a sua simplicidade de vida, a sua boa fé, e o seu ardor juvenil tinham-na completamente cegado. Era mesmo o que diziam... Por que a escolhera? **Porque era pobre e, além de pobre, mulata.** Seu desgraçado padrinho tinha razão... Fora Cassi quem o matara (BARRETO, 2011, p. 149, grifo nosso).

A partir daí não há relatos da gravidez, do parto, de como a jovem seguiu a vida, sabe-se apenas dos seus pensamentos de desilusão, um deles é o relato que ela faz a sua mãe quando percebe a sua condição e diz: – “Mamãe! mamãe! – O que é minha filha? – Nós não somos nada nesta vida” (BARRETO, 2011, p. 158).

Como mulher, Clara era subjugada pela cor, pelo corpo e pelos aspectos que envolvem a identidade feminina aqui citados (a virgindade, a maternidade e a gravidez), todos eles atropelados e desfeitos da forma mais drástica possível. Começa então a pensar que o critério de escolha de Cassi Jones por ela tenha sido mesmo pelo fato de ser pobre e negra, como é dito na citação de Barreto. E realmente esse sempre foi um dos parâmetros utilizados pelo rapaz.

Propositalmente, Lima Barreto desejou representar a situação de muitas dessas mulheres rejeitadas, casos que ele presenciou. Barbosa, o biógrafo do autor, mencionou o medo que o autor possuía de ver a sua irmã na situação de muitas serviçais

que trabalhavam em propriedades rurais jovens, sozinhas, seduzidas pelo patrão ou por um criado, grávidas, destinadas à desonra. Muitas escondiam a gravidez e desfaziam-se do recém-nascido, atitude esta considerada uma fatalidade. Segundo os estudos de infanticídio na França realizados por Perrot (2013), se essas mulheres fossem denunciadas seriam levadas aos tribunais, onde padeceriam de extrema solidão, pois o pai da criança, segundo o código napoleônico, tinha o direito de desaparecer sem culpabilidade. No começo do século XIX, a situação torna-se ainda mais rigorosa, pois muitas dessas mulheres foram condenadas à morte.

2. RELAÇÕES DE DESIGUALDADE ENTRE OS GÊNEROS

Inúmeras obras da literatura brasileira retratam as relações de desigualdade entre os gêneros, reforçando ou negando a visão patriarcal de uma pretensa superioridade masculina. Embora pouco simpático a certas manifestações do feminismo, Lima Barreto enfoca muito bem a condição da mulher assujeitada em um sistema opressor no qual os papéis destinados a elas são definidos em função do matrimônio.

A exemplo de outras obras de Lima Barreto, *Clara dos Anjos* traz à tona o preconceito racial, as desigualdades de classes e a condição inferior da mulher, representadas em sua máxima fragilidade, vivendo em uma sociedade tradicionalmente patriarcal, cujos costumes denotavam ainda herança da escravidão. Na referida obra percebemos, dentre outros aspectos, as relações de desigualdade entre os gêneros, em particular no contexto do casamento, e a pretensa superioridade masculina frente à mulher, cuja condição é de dependência e submissão.

Na sociedade patriarcal as relações de poder são determinadas por oposições hierárquicas bem definidas, e ideologicamente marcadas por uma cultura essencialmente discriminatória quanto aos gêneros masculinos e femininos. De um lado, encontra-se o homem dono da propriedade, e, conseqüentemente, da razão e da lei; de outro lado, a mulher, desprovida de bens, em condição apenas objetual frente ao homem. As oposições poderiam ser definidas assim: “subversão/aceitação; inconformismo/resignação; atividade/passividade; transcendência/imanência” (ZOLIN, 2009, p. 219).

Um dos aspectos problemáticos das organizações de gênero do sistema patriarcal reside em uma organização sustentada por relações assimétricas, de modo que o sujeito masculino é sempre definido a partir de uma posição central, de maneira mais positiva e independente do que o feminino (SCHNEIDER, 2000, p. 119). Em *Clara dos Anjos*, isso ocorre na apresentação e caracterização dos

personagens masculinos, os quais, em sua maioria, são identificados pelos seus nomes acrescidos de suas profissões, ou qualidades. Essa estratégia de descrição evidencia a supervalorização do elemento masculino, sugerindo a superioridade deste e, desta forma, promovendo a diferença entre os gêneros. São exemplos dessa diferenciação de gênero a seguinte lista de personagens: O carteiro Joaquim; João Pintor; Seu Nascimento, comerciante, agricultor; Alípio, inteligente e curioso, capaz de invenções e aperfeiçoamentos mecânicos; Leonardo Flores, um “verdadeiro poeta”; Lafões, o guarda das obras públicas (este, em algumas passagens do romance tem seu nome suprimido, sendo apresentado apenas como “o guarda das obras públicas”). Além desses mencionamos o Dr. Praxedes, o qual apresenta um traço relevante, pois a narrativa enfatiza que ele não é formado, mas tem autoridade para carregar o título de doutor, pois possui conhecimentos suficientes para receber tal nomeação (cf. BARRETO, 2011). Mesmo que Praxedes não possua um ofício, é reconhecido por ele mesmo e pela comunidade por tal inteligência:

Chamava-se Praxedes Maria dos Santos; mas gostava de ser tratado por doutor Praxedes. A monstruosidade de sua cabeça o pusera a perder. Por tê-la assim, julgou-se uma inteligência, um grande advogado, e pôs a freqüentar cartórios, servindo de testemunha, quando era preciso, indo comprar estampilhas, etc., etc. (BARRETO, 2011, p. 53).

Comparados aos papéis sociais dos homens, as definições dadas às mulheres dentro desse sistema social ficcional representado na narrativa implica para elas papéis sociais inferiores e descaracterizados. Elas não são apresentadas por possuírem ofício, profissão ou capacidade intelectual, ao contrário, são (des) caracterizadas em função de sua pretensa fragilidade, de sua condição e/ou de sua cor. Vejamos: D. Vicência, “crioula velha”, “empregada” (BARRETO, 2011, p. 69); Clara dos Anjos, “mulata”, “ingênua”, “pobre” (*Ibid.*, p. 150); Engrácia, “sedentária” e “caseira” (*Ibid.* p. 22); D. Etelvina, “magra”, “encarquilhada” (*Ibid.* p. 98) etc. Percebe-se que as “identidades” atribuídas a essas mulheres estão sempre relacionadas às suas características físicas, em geral as mais negativas, e desta maneira evidencia-se a supremacia masculina.

Essa “superioridade” do homem em relação à mulher é bem caracterizada pelo personagem Cassi Jones, que embora seja desqualificado em função de seus atributos morais (vagabundo, malandro, safado etc.), não encontra maiores dificuldades para se aproximar e seduzir as moças que lhe caem nas graças, apoiando-se no fato de que em geral elas são de condição inferior, sobretudo quanto à cor da pele (já que ele é branco) e quanto à situação socioeconômica, como informa o narrador: “Em geral, as moças que ele desonrava eram de humilde condição e de

todas as cores” (BARRETO, 2011, p. 28). Assim, “O seu ideal era Clara, pobre, meiga, simples, modesta, boa dona de casa, econômica que seria, para o pouco que ele poderia vir a ganhar” (*Ibid.* p. 140).

Vê-se que o narrador apresenta com clareza o motivo pelo qual Cassi deseja Clara. Essa escolha não é motivada pelas qualidades da moça, e sim em função das “fragilidades” que carrega, condições essas pelas quais ele poderia exercer domínio e superioridade sobre ela. As qualidades são: (1) meiga, que transparece no sentido de voz dócil, que não se eleva para demonstrar poder ou superioridade; (2) simples, demonstrando a condição de pobre, enquanto ele pertence a uma família bem situada economicamente; (3) modesta, que sugere a ausência de qualquer pretensão de superioridade; e (4) boa dona de casa, para que enfim ela venha assumir o papel de passiva, dependente do marido e capaz de cumprir os mandos do chefe patriarcal.

No período helenístico, a prática do casamento possuía uma noção bastante semelhante a essa aqui apresentada. O casamento era privado, não institucionalizado, e acontecia como numa espécie de negócio entre dois chefes de famílias, no qual a moça que estava sob a tutela do pai era transferida para o futuro esposo. O casamento possuía um objetivo: transmitir o patrimônio aos descendentes numa política de castas, a qual para os superiores funcionava como uma transação política, econômica e dinástica. Para os pobres a função também acabava se tomando econômica, mas de maneira oposta, porque a esposa e os filhos constituiriam na verdade, mão de obra útil para o homem livre e pobre. No entanto, ao longo dos anos esse ato perde o valor puramente econômico e passa a ter valor pessoal, implicando no “compartir da vida, no companheirismo, nos cuidados recíprocos e na benevolência de um para com o outro” (FOUCAULT, 1997, p. 13).

Segundo Foucault (1985, p. 82), embora “o casamento pareça cada vez mais como uma união livremente consentida entre dois parceiros, a desigualdade se atenua sem, contudo desaparecer”. Ou seja, tende a perpetuar-se tomando novas formas e conceitos, passando a ser encarado como um sistema legitimado denominado patriarcalismo, “termo utilizado para designar uma espécie de organização familiar [...], na qual toda instituição social concentra-se na figura de um chefe, o patriarca, cuja autoridade era preponderante e incontestável” (ZOLIN, 2009, p. 223). Por sua vez, o comportamento feminino nesse sistema é caracterizado pela expressão mulher-objeto, marcado pelas palavras-chave submissão e resignação. O trecho a seguir ilustra essa condição representada no romance:

De quando em quando, mas sem grandes espaços, Joaquim gritava para a cozinha: – Clara! Engrácia! Café! De lá, respondiam, com algum **amu**o na voz: – Já vai! É que

as duas mulheres, para preparar o café, tinham que retirar de um dos fogareiros de carvão vegetal, uma panela do “ajantarado” que aprontavam, a fim de aquecer o **café reclamado**; e isto lhes atrasava o jantar (BARRETO, 2011, p. 22, grifos nossos).

Sobre o trecho citado, percebe-se que o cenário no qual as personagens femininas são frequentemente apresentadas é o espaço da cozinha, de onde entram e saem constantemente sob o comando da voz masculina que vocifera. Elas obedecem fielmente a esse comando, mesmo que isto custe um sacrifício. Os termos em negrito, amuo e café reclamado, correspondem uma ideia oposta ao que a palavra em seu sentido denotativo apresenta. As palavras conotam a noção de aceitação. Mesmo que não concordem com a situação imposta, são “obrigadas” a executar a tarefa ordenada.

Baseado em situações semelhantes, Bourdieu (2004) denomina de poder simbólico àquele poder que “é exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”, pois, como afirma Millet (*apud* ZOLIN, 2009, p. 224), “toda forma de manifestação de poder exige o consentimento por parte do oprimido”. Ou seja, essas mulheres são conscientes de sua condição de inferioridade e permitem tornar-se cúmplice da própria escravidão.

Na obra em questão, Dona Castorina (uma pequena mulata magra, de olhos negros e tristes), é um dos exemplos mais eficazes quanto ao assujeitamento. Além de obedecer ao patriarca ainda obedece com firmeza de ânimo e paciência, e mais do que isso, sofre com o abuso do esposo, no entanto, o honra, e além disso, ele é para ela “o orgulho de sua glória”:

Dona Castorina que o fez entrar. **Estava aventalhada, gasta**, já não pela idade, que não podia ser ainda cinquenta anos, mas pelos trabalhos por que tinha passado com o marido, mais do que com os próprios filhos. [...] Nunca se lhe ouvia um queixume, nunca articulou uma acusação contra Flores. **Sofria todos os desmandos do marido com resignação e longanimidade.** [...] e ela tinha, no fundo d’alma, apesar dos desregramentos do seu marido, um grande **orgulho de sua glória** (BARRETO, 2011, p. 99, grifos nossos).

Como é destacado no trecho anterior, após o casamento seu estado físico torna-se degradante, e esta condição deve-se aos trabalhos que carrega com a família. Interessante é que ela mesma se permite viver em tais condições, sem reclamar nem muito menos tentar mudar a situação; é completamente resignada ao seu papel de escrava do lar. O mesmo acontece com Engrácia, cuja mãe, escrava, veio para a cidade juntamente com outros escravos libertos e viviam sob a tutela do senhor Teles de Carvalho mesmo depois da abolição. A mãe de Engrácia morreu quando ela tinha apenas sete anos de idade, como dito anteriormente e foi criada por uma

“preta velha”, também escrava. Daí Engrácia foi criada com muito mimo como os outros filhos de escravos, filhos dos senhores de terra. “Recebeu boa instrução, para a sua **condição e sexo**; mas, logo que se casou – como em geral acontece com as nossas moças –, **tratou de esquecer o que tinha estudado**” (BARRETO, p. 63, grifo nosso). Ela recebe boas instruções, no entanto, esse conhecimento é anulado devido às limitações estabelecidas à mulher que em seu contexto, não possuía direitos, inclusive na narrativa, até mesmo o Dr. Praxedes faz questão de mencionar: “[...] a Lei 1.857, de 14 de outubro de 1879, diz que a mulher casada, no regime do casamento, não pode dispor dos seus bens, ter dinheiro em bancos, na Caixa Econômica” [...] (*Ibid.*, p. 54). Engrácia esquece tudo que estuda para se dedicar ao casamento, anulando-se completamente em favor do outro. Sobre esse ponto, o narrador ainda comenta por intermédio do exemplo de Ernestina:

Pobre Ernestina! Era tão alegre, tão tagarela, era moça e bonitinha, na sua fisionomia miúda e na sua tez pardo-clara [...] quando conheceu Ataliba; e hoje? Estava mal calçada, escanzelada, cheia de filhos, a trair sofrimento de toda espécie, sempre mal calçada, quando, nos tempos de solteira, o seu luxo eram sapatos! Quem te viu e quem te vê! (BARRETO, 2011, p. 37).

Nesse trecho o narrador contrapõe a Ernestina do passado com a do presente. Parece não ser a mesma pessoa: antes, possuía boa aparência, demonstrava ser feliz, mostrava-se vaidosa, e após o casamento torna-se feia, sofrida, mal calçada, além de muitos filhos.

Segundo os estudos do feminismo existencialista de Beauvoir (1980), que trata das relações de propriedade como responsáveis pela opressão feminina, “não existe uma essência feminina responsável por sua marginalidade, existe o que a autora chama de situação da mulher” (ZOLIN, 2009, p. 224). Parafrazeando-a, a diferença entre os sexos dá-se pelo fato de a mulher dar à luz. Devido aos cuidados com o bebê e as limitações físicas, a mulher encontra-se impossibilitada de ir à caça, de exercer trabalhos pesados, privando-se de afirmar-se em relação à natureza. É exatamente neste ponto que “a superioridade é efetivada, não ao sexo que dá à luz, mas ao sexo que mata” (BEAUVOIR, 1980 *apud* ZOLIN, 2009, p. 224).

Analisando o trecho que caracteriza Ernestina com base no argumento dessa citação, podemos inferir que o ato de parir, que deveria representar o belo, concorre para a inferioridade e a feiúra. Esses adjetivos devem-se ainda aos sofrimentos que vieram após casar-se com Ataliba, que era antipático, arrogante, fátuo, mas “teve a hombridade de ficar com a mulher, embora, resignadamente ela sofresse toda espécie de privações no horrível subúrbio de D. Clara, enquanto ele andava sempre muito suburbanamente e tivesse vários uniformes de *football*” (BARRETO,

2011, p. 37). Ela, por sua vez, que gostava de luxo e de sapatos, agora não os tinha como antigamente.

Já Engrácia é apresentada como uma mulher extremamente religiosa. Segundo a descrição na narrativa, os indivíduos religiosos utilizam a religião como subterfúgio ou meio de escape diante dos problemas: “pois é próprio do nosso pequeno povo fazer uma extravagante amálgama de religiões e crenças de toda sorte, e socorrer-se desta ou daquela, conforme os tranSES e momentâneas agruras de sua existência” (BARRETO, 2011, p. 21). Daí começa a citar cada uma delas: “Se se trata de afastar atrasos de vida, apela para a feitiçaria; se se trata de curar uma moléstia tenaz renitente, procura o espírita” (*Ibid.*, p. 21). Logo após ser esclarecida a necessidade daquele povo de possuir uma religião, o narrador enfatiza que Engrácia era demasiadamente religiosa: “[...] Dona Engrácia, porém o era em extremo, embora fosse pouco à igreja, devido às obrigações caseiras” (*Ibid.*, p. 21).

A opressão vivida interiormente por ela leva-a em busca de uma religião a fim de encontrar refrigério para as agruras do cotidiano. Fato curioso é que, embora seja bastante religiosa, ela não pode ir à igreja com tanta frequência porque o seu único ofício, dona do lar, submissa ao matrimônio, não dá liberdade para que possa se desobrigar de seus deveres. O narrador enfatiza também que o “esposo”, Joaquim dos Anjos não é adepto de nenhuma religião, “não era animado de grande fervor religioso” (*Ibid.*, p. 21). Essa afirmação pode sugerir uma pretensa superioridade masculina, a autossuficiência do homem, que dispensaria o auxílio de um ente sobrenatural, para se ancorar em uma crença a fim de resolver suas inquietações e problemas.

Por fim, a condição da mulher na obra em questão é de extrema submissão e está relacionada ao sistema patriarcal vigente da época e principalmente das marcas da escravidão, onde as escravas eram submissas aos senhores, sem direito a questionar sua posição e por consequência levaram essas características de resignação para dentro dos lares.

3. TRABALHANDO QUESTÕES RACIAIS E DE GÊNERO COM A OBRA CLARA DOS ANJOS

A proposta deste capítulo, além de trazer a discussão sobre as questões raciais e de gênero presentes na obra *Clara dos Anjos*, objetiva ainda propor ideias para trabalhar práticas leitoras na educação básica que possibilitem reflexões sobre a temática da diversidade étnico-racial. Focaremos apenas em uma proposta de atividade, por questões de espaço aqui neste suporte, porém, inúmeras são as ideias

pelas quais podem ser utilizadas para trabalhar as diversidades de maneira efetiva em sala de aula, basta se valer da infinidade de gêneros discursivos existentes, somados a esta temática.

Acreditamos que uma proposta de intervenção de leitura em sala de aula que se realize de modo satisfatório e eficaz necessita estar amparado em estratégias de leituras fundamentadas em teorias, cujo foco seja orientar o aluno a um pensamento, crítico, reflexivo e humanizador.

Em vista disso, escolhemos como estratégia, o círculo literário de Cosson (2017), como método consistente e satisfatório, pois não permite o uso de técnicas ultrapassadas de se trabalhar o texto de maneira isolada e descontextualizada.

A fim de possibilitar aos discentes uma leitura de forma crítica e contextualizada, propomos, trabalhar a obra *Clara dos Anjos*, tanto porque essa obra permite ao leitor pensar o sujeito negro, assim como, ressignificar sobre as práticas discriminatórias da sociedade atual, e além disso, porque entendemos, assim como Cosson, que o letramento literário eficaz exige o contato direto com o livro em sua integralidade.

Para isso, a primeira etapa da oficina consiste em convidar os alunos ao círculo de leitura, em seguida, dividir a turma em grupos; apresentar o autor e a obra; realizar a leitura coletiva do livro, propor que façam anotações por meio de fichas e diários de leitura, bem como debates sobre a obra. Após todas as discussões primárias sobre o livro, preparar um calendário para a apresentação do círculo, seguindo os passos encontrados em Cosson no livro *Círculos de leitura e letramento literário* (2017), no qual ele faz uma alusão à teoria proposta por Harvey Daniels (2002), que sugere a utilização de nove funções constituintes do círculo. São estas: a) Conector; b) Questionador; c) Iluminador de passagem; d) Ilustrador; e) Dicionarista; f) Sintetizador; g) Pesquisador; h) Cenógrafo; e i) Perfilador.

É importante lembrar que cada grupo pode ficar responsável por uma dessas etapas e ao final apresentar para a turma. Outro ponto a se destacar é que a seguir são mencionadas apenas sugestões, com a finalidade de demonstrar que é possível e de que forma é possível trabalhar com a obra *Clara dos Anjos*, utilizando esse método. Essas sugestões devem partir da leitura dos alunos, tendo o professor apenas a função de direcionar o discente.

- a) **Conector** – Liga a obra ou texto lido com a vida, com o momento;
 - Em *Clara dos Anjos* podemos perceber as consequências do preconceito de cor e a herança do trabalho servil, principalmente nas personagens femininas.

Ainda hoje é possível encontrar esse tipo de preconceito com as mulheres negras? De que maneira podemos perceber isso nos discursos atuais?

- É possível discutir com o grupo como o preconceito racial e social se relacionam, se o número de estudantes brancos e negros nas universidades é proporcional etc.
- b) **Questionador** – Prepara perguntas sobre a obra para os colegas, normalmente de cunho analítico como, por que os personagens agem desse jeito? Qual o sentido deste ou daquele acontecimento?
- As perguntas podem estar relacionadas a algumas categorias mencionadas aqui neste trabalho: a virgindade, a maternidade, o sexo e o corpo feminino, ou até mesmo a história da escravidão do Brasil. Assim, será possível o aluno perceber o motivo de as mulheres serem submissas aos maridos, o motivo de Clara dos Anjos viver tão enclausurada em casa pelos pais, o motivo de Cassi Jones gostar de mulheres negras e pobres etc.

Outras sugestões:

- Qual era a postura da mulher perante a sociedade no início do século XX?
 - Qual a importância do casamento para essa mulher?
 - Na sua opinião, houve mudanças em relação ao papel da mulher na sociedade?
 - Quais as possíveis razões e origens das discriminações sofridas pelos negros?
- c) **Iluminador de passagens** – Escolhe uma passagem para explicitar ao grupo, seja porque é bonita, porque é difícil de ser atendida ou porque é essencial para a compreensão do texto;
- Obviamente que cada aluno terá o seu ponto de vista sobre as cenas que julgam mais importantes para a compreensão do texto, porém, o professor pode mediar, levando-os a refletirem sobre as **falas de impacto que acontecem na trama, principalmente as que se referem ao modo como as mulheres se veem e se enxergam na condição em que vivem**. Selecionamos pelo menos duas:
 - “Pensou em morrer, pensou em se matar, mas por fim rogou a nossa Senhora que lhe desse coragem” (BARRETO, 2011, p. 150).

- “Mamãe, mamãe, nós não somos nada nesta vida” (BARRETO, 2011, p. 158).

d) **Ilustrador** – Traz imagens para ilustrar o texto;

- A ideia é que os alunos imprimam imagens da capa do livro, das personagens ou de cenas da história e levem para a turma. Outra opção é caricaturar as mulheres ou as cenas que os alunos julguem ser mais pertinentes à história, uma delas pode ser no momento em que Cassi Jones pula a janela da casa de Clara dos Anjos para deflorá-la ou o momento que o sedutor abandona a pobre moça etc.

e) **Dicionarista** – Escolhe palavras consideradas difíceis ou relevantes para a leitura do texto;

- O livro possui muitas palavras estrangeiras, como por exemplo expressões em latim e em francês como é o caso das palavras, *habitués* (frequentador); *raté* (malogrado); *tout court* (em poucas palavras); *attirail* (indumentária); *scrocs* que significa trapaceiro, inclusive, já incorporada ao nosso português – (escroque), dentre muitos outros.

Dado o período em que o livro foi escrito, é possível encontrarmos diversas palavras que não correspondem ao tempo atual dos alunos, como *vosmecê*, por exemplo, e tantas outras, provavelmente, desconhecidas por eles, como por exemplo:

- Morigerado = de bons costumes;
- Enxovia = prisão;
- Bandós = penteado em que parte do cabelo é arranjado em cada lado da testa.
- Estúrdio = extravagante
- Espórtula = esmola
- Bordelengos = frequentadores de bordel.
- Saloia = rústica.

Essas são apenas algumas das pouquíssimas palavras que podem ser utilizadas pelos alunos nessa etapa da apresentação. O livro é recheado de expressões em desuso ou expressões da época.

f) **Sintetizador** – Sumariza o texto;

- Nesse momento o professor deve orientar o aluno quanto à produção do resumo escrito, que deve ser feito com as palavras do discente, e cabe àquele dar orientações quanto a essa escritura para enfim, relatar o resumo da história aos colegas.

Um das orientações podem ser: realizar a leitura anotando os dados principais; fazer anotações no livro, colocando algumas palavras-chave; escrever uma introdução; detalhar o enredo; descrever os maiores problemas enfrentados pelos personagens; listar os tópicos mais importantes; relatar o desfecho da história e por fim, escrever uma conclusão para o resumo do livro.

g) **Pesquisador** – Busca informações contextuais que são relevantes para o texto;

- O contexto de produção da obra, engloba o Brasil do século XIX e consequentemente os influxos da modernização, o surgimento dos grandes centros industriais, a agitação política e social do País e somado a isso, o fim da abolição da escravatura, sendo esse um dos contextos mais importantes para análise dessa narrativa, pois, um dos desejos do autor, era escrever a história da escravidão negra no Brasil e sua influência para a nossa nacionalidade.

Sabendo desse contexto, o aluno entenderá a razão das escolhas de personagens negros e negras, assim como a vida medíocre pelos quais esses personagens enfrentavam.

h) **Cenógrafo** – Descreve as principais cenas;

- Não é necessária uma leitura crítica ou aprofundada para perceber as cenas marcantes que o autor menciona, em relação à situação renegada das mulheres, como em Bacamarte, por exemplo, exposta à promiscuidade por haver perdido a virgindade. Cenas como os momentos em que Clara reflete sobre a sua situação, são fortemente marcadas na obra. As cenas cujo abandono e a desvalorização da mulher, representadas mais como objeto do que como sujeito e o desespero de viver em condição vergonhosa são bastante impactantes na obra e chocam de fato, o leitor. É muito provável que os alunos percebam cenas como essas, porque a escrita do autor proporciona facilmente esse encontro.

i) **Perfilador** – Traça um perfil das personagens mais interessantes;

- Como sugestão poderíamos falar sobre o perfil das personagens femininas, porém, como já foi bastante discutido ao longo deste trabalho, selecionei os personagens masculinos negros, pois estes também são marcados pelo fracasso e pela vida medíocre. Vejamos o perfil de dois deles:
 - Leonardo Flores, era um poeta que tivera o seu momento de celebridade no Brasil inteiro e cuja influência havia sido grande na geração de poetas que se lhe seguiram, porém não é permitido a este personagem continuar a ter seus momentos de glória, portanto, ele é posto em uma das mais tristes situações. “Não era mais do que a triste ruína de um homem, amnésico, semi-imbecilizado, a ponto de não seguir o fio da mais simples conversa” (BARRETO, 2011, p. 67). Havia publicado mais de dez livros como poeta e ainda assim nunca obtivera dinheiro, diferentemente de seus amigos, que alcançaram sucesso, enquanto ele vivia pobremente com a mulher e os filhos. Sobreviviam de uma mesquinha aposentadoria do governo.
 - Marramaque é marcado pela decadência, afetado pela doença física descrita como “mais um simples contínuo de ministério em que não fazia o serviço respectivo nem outro qualquer, devido ao seu estado de invalidez, de semialeijado e semiparalítico do lado esquerdo [...]” (BARRETO, 2011, p. 22). Era um “infeliz suburbano”, nas palavras de Lima Barreto.

Os personagens masculinos são em sua maioria, infelizes, sem heroísmo, com sucessivas sequências de pequenos fracassos. A começar pela falta de gestos marcantes, sem surpresas e aparentemente insignificantes, esses pobres homens possuem vocação para o fracasso, e se situam nas camadas inferiores da pirâmide social – a pobreza.

Por fim, acreditamos que o docente, após realizar esse percurso do círculo de leitura proposto por Rildo Cosson, obterá um encontro mais significativo e diferenciado com a obra, de modo que o seu olhar para a literatura tornar-se-á mais reflexivo e crítico, por isso é também importante que o professor deixe claro para o aluno, a importância de se trabalhar as funções descritas pelo teórico, pois dessa forma, pensamos que a leitura se tornará mais leve e terá melhor aproveitamento, tendo em vista que todo o livro foi minuciosamente explorado.

Os círculos de leitura proporcionam ainda ao educando outra visão sobre o ato de ler, pois, além de apreciarem o conteúdo literário de forma socializadora, ainda terão outro olhar para as aulas de literatura, muitas vezes monótonas.

É importante ressaltar que ler as obras de Lima Barreto em sala de aula, por si só, já promovem um pensamento crítico aos que o leem porque a sua obra é toda crítica, é toda pensante, denunciativa, pois ele carregava consigo uma concepção de literatura muito peculiar, a concepção de uma literatura pragmática, utilitária, militante, como uma forma de esclarecer aos homens as mazelas da sociedade e a partir daí criar um mundo melhor, mais justo e solidário. A preocupação do autor, sempre foi tornar o mundo melhor e mais justo por meio da literatura, eis a nossa preocupação também, enquanto educadores, por isso, a importância de oferecer um modo de ler a história, diferente das técnicas já cauterizadas pelo comodismo de sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho buscamos compreender como as questões raciais e de gênero se manifestam na literatura de Lima Barreto e sob que condições e circunstâncias os personagens se apresentam.

O papel das mulheres, conforme vimos, demonstra atitudes de submissão, resignação, vexame público e principalmente abandono, ainda mais quando são pobres e negras como Clara dos Anjos e outras mencionadas ao longo do trabalho. As mulheres são apresentadas dentro do contexto do casamento que funciona mais como uma espécie de “salvação” e rendição para elas, já que muitas não casam por amor, mas por terem sido defloradas. Sendo o casamento a única opção de mudança de vida, almejam o matrimônio, no entanto, quando postas no espaço do lar, tornam-se sujeitas às vontades do marido, tendo que renunciar suas próprias vidas para se submeterem aos serviços domésticos e à completa submissão à casa. Os homens, de maneira oposta são seres produtivos enquanto elas são altamente passivas, sem voz e sem expectativas de vida.

Em se tratando das mulheres negras, estas são representadas em uma situação ainda mais inferior, pois sem instrução atendem os lugares de empregadas, criadas, amas, e outras por serem abandonadas passam a prostituir-se passando a viver na subalternidade. Vivem em situações de pobreza, e, além disso, são alvos prediletos da sedução dos homens, especialmente quando são ainda jovens, pois uma mulher sem instrução, pobre e abandonada não teria outra saída a não ser prostituir-se

para evitar a miséria. Por essa razão recebem extrema vigilância e proteção dos pais, como no caso de Clara dos Anjos que vivia enclausurada.

Dessa feita, entendemos que Lima Barreto não tentou meramente resgatar a história do negro no Brasil, ou fazer com que eles se tornassem sujeitos de sua própria história, mas, valorizou a importância do afrodescendente como sujeitos humanos e reconheceu a contribuição do negro como membros elementares para a formação do caráter nacional brasileiro.

Por essa razão, torna-se pertinente o debate sobre a temática da discriminação étnico-racial e de gênero em sala de aula, com o objetivo de desmistificar este problema ainda presente. Com a estratégia de leitura dos círculos literários de Cosson é possível promover além da criticidade e a reflexão dos alunos, a ressignificação de práticas discriminatórias raciais e de gênero.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto: 1881-1922*. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012. Notas de revisão de Beatriz Resende.
- BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. 4. ed. São Paulo: Martin Claret, 2011.
- BARRETO, Lima. *Diário íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2017.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. *A mulher e os rapazes da história da sexualidade* (extraído da História da Sexualidade) v. 3. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013. Tradução de Angela M. S. Corrêa.
- SCHENEIDER, Liane. A representação do feminino como política de resistência. In: PETERSON, Michel; NEIS, Ignácio Antônio. *As armas do texto: a literatura e a resistência da literatura*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2000, p. 119-139.
- VASCONCELLOS, Eliane. *Entre a agulha e a caneta*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999.

XAVIER, Elódia. *A casa na ficção de autoria feminina*. Florianópolis: Mulheres, 2012.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3ª ed. (Revista e ampliada). Maringá: Eduern, 2009, p. 217-242.